



## Relato sobre a participação da ADunicamp na VII Jornada de Agroecologia

**Data:** de 30 de janeiro a 3 de fevereiro de 2023

**Local:** Conceição de Salinas, povoado localizado na Baía de Todos os Santos.

**Agenda:** [VII Jornada de Agroecologia da Bahia](#) (página da ADunicamp)

Aproveito para fazer o convite a acompanhar:

- a [Série de matérias a serem produzidas a respeito do Encontro Fórum Popular da Natureza](#) (apoiado pela Fundação Rosa Luxemburgo e ADunicamp)
- As iniciativas do [Núcleo PCJ](#) (Piracicaba, Capivari e Jundiá : o lugar onde peixe pára (interrompe a piracema), o rio das capivaras e o rio do bagre) 😊

**Onde** foi a Jornada? [Conceição de Salinas](#)

Por que o encontro da Teia foi feito no Quilombo de Conceição de Salinas? Apesar da resolução de [Tombamento](#), como acontece em vários territórios quilombolas, a comunidade vive sob ataque da especulação imobiliária, apoiada pela administração municipal...O encontro desta magnitude, que reuniu mais de 2000 pessoas em 5 dias, dá visibilidade e fortalece a resistência dos quilombolas.

Quem participou ? [Carta de agradecimento da Teia dos povos](#) - na qual são mencionadas as entidades participantes e apoiadores.

Notem-se as lideranças femininas inclusive que assinam a carta!

Elionice Conceição Sacramento (Coordenação Ampliada APAQCS Associação de Pescadores/as Artesanais e Quilombolas de Conceição de Salinas); Marizélia Carlos Lopes (Representação da Articulação das Mulheres Pescadoras); Edielso Barbosa (Representante Articulação da Juventude); Jeane de Jesus (Representante da Escola das Águas); Gesiani Souza Leite (Representante da Rede de Mulheres da Confrem- Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas e Povos Tradicionais Extrativistas Costeiros e Marinhos)

E o que é a [Teia dos Povos](#)?

A Teia dos Povos é composta de territórios organizados, por organizações políticas e pessoas desterritorializadas. Os territórios organizados são os núcleos de base, e é deles que deve surgir a diretriz de ação, pois é onde emerge a organização, a direção de luta. Os coletivos, organizações e pessoas desterritorializadas, são chamados de Elos da Teia, pois são conectores que se ligam aos Núcleos de Base. Há também os parceiros em geral

sindicatos, universidades e partidos políticos, mas que não devem dirigir os movimentos da Teia. A Teia dos Povos existe há 10 anos e sua principal liderança é Joelson Ferreira (fundador do partido dos Trabalhadores, que atuou na CUT, e no MST, e lidera o Assentamento Terra à Vista no Sul da Bahia).

A Teia nasce de demandas de comunidades afrodiáspóricas, povos originários, movimentos populares (união nacional por moradia, sem teto) quebradeiras de coco, geraizeiros, caatingueiros, marisqueiros/as etc...) cujas reivindicações não entraram na pauta de partidos ou gestões ditos progressistas.

O dia da abertura [Teia dos Povos no Instagram](#) (mostrar três vídeos)  
Acompanhando as [Marisqueiras!](#) Resistência e alegria!

Bibliografia essencial da Teia: [Por terra e território](#)

Convido os colegas a conhecer os temas tratados neste livro que traduzem os principais escopos e conceitos da Teia:

Sentido de Terra e Território  
Autonomia, caminhadas e passos  
Caminhar para a Soberania Hídrica  
Caminhar para a Soberania Alimentar  
Caminhar para o Trabalho e a Renda  
Caminhar para a Soberania Pedagógica  
Caminhar para a Soberania Energética  
Caminhar para a Autodefesa  
A política de cuidado com os nossos  
A rede e a frente das mulheres  
Construindo a Aliança Preta

**Histórico da participação da ADunicamp:** a Associação participou enquanto um dos coordenadores nacionais do Fórum Popular da Natureza (FPN) de cuja criação também participou em 2019 juntamente com outras entidades e movimentos sociais. Devido à pandemia, as atividades se deram principalmente à distância, até o primeiro encontro presencial nos dias 02, 03 e 04 de dezembro de 2022, na Escola Nacional Florestan Fernandes em Guararema, SP (lembramos que a ADunicamp faz parte da associação dos Amigos da ENFF), quando a participação do FPN do encontro da Teia foi decidida.

Vale lembrar que a “ADunicamp sempre viva” elegeu como uma de suas metas de gestão o cuidado: cuidar do meio ambiente e das pessoas.

Além disso, alguns professores da Unicamp têm uma longa história de lutas no campo sócio ambiental, como por exemplo a profa. Emilia Wanda Rutkowski (que participou da diretoria da associação), e os professores Jefferson Picanço, especialista em desastres socioambientais e Luiz Marques (respectivamente FEC FAU IG IFCH)

Lembro alguns dos projetos e atuações desses professores: Gestão de resíduos sólidos, Rede Transnacional de Saúde, Ambiente e Trabalho, Conselho de Desenvolvimento e Meio Ambiente (COMDEMA) de Campinas/SP; FLUXUS - Laboratório de Ensino em

Sustentabilidade Socioambiental e Morfologia Urbanas (membro do ORIS - Observatório da Reciclagem Inclusiva e Solidária), Grupos de Trabalho: GT Componente Físico-Espacial do Projeto Hub Internacional para o Desenvolvimento Sustentável (HIDS) e GT Unicamp Lixo Zero.

**Organização do evento na Teia:** o encontro reuniu na verdade três eventos: propusemos que o segundo encontro presencial do FPN ocorresse durante a VII Jornada de Agroecologia da Bahia que, por sua vez, ocorreu no Encontro da Teia dos Povos.

O encontro foi estruturado em Plenárias - relatos e discussões com lideranças populares rurais e urbanas; apresentação de trabalhos acadêmicos; místicas; Feira de Trocas de sementes; Eventos culturais: danças, cantorias, saraus...e muito trabalho! Nossa equipe atuou na cozinha, limpeza e segurança.

### **Pressupostos das pautas do FPN**

Recomendo essas fontes:

[Debates urgentes para uma transição ecossocial no Brasil](#) - Diosmar Filho, Luciana Araújo, Gilmar Mauro, Breno Bringel, Cabrera - o retorno às bases; como falar com o "povão"; o racismo ambiental; a fome, a obesidade e o desperdício; a questão socioambiental, territorial e racial diz respeito a todos...

[Luiz Marques](#) autor de *Capitalismo e Colapso Ambiental* Ed.da Unicamp

[A greve global dos adolescentes pelo clima](#) - Jornal da Unicamp

### **Em que consistiu o apoio da ADunicamp**

A ADunicamp apoiou a ida de 7 pessoas do Fórum Popular da Natureza

Estudantes e formadoras da escola do FPN e do núcleo PCJ Isa, Rachel e Talita

Coordenação da Associação dos catadores - Davi Amorim

Liderança da comunidade da mata da Santa Esmeralda SP - a paisagista de parques e espaços públicos Elisa

Diretoria da Comunicação Regina

Jornalista Paulo San Martin

Oferecemos alojamento para 12 pessoas em uma casa e 15 cestas básicas para a tenda do Assentamento Terra à Vista onde preparávamos e fazíamos nossas refeições.

Fizemos a opção de ficarmos instalados no mesmo local.

### **Documentos consolidados no 2o Encontro do FPN - janeiro/fevereiro 2023**



**Como se estrutura o FPN?**

O Fórum Popular da Natureza (FPN) é, ao mesmo tempo, um movimento e uma articulação composta por diversas pessoas, coletivos, organizações, povos e movimentos sociais, que, de forma democrática e horizontal, buscam formar uma ampla resistência à destruição planetária e construir alternativas econômicas, sociais e culturais a partir de conhecimentos científicos, de saberes populares e de experiências vividas nos diferentes territórios, promovendo o direito à vida, os direitos humanos, não-humanos e os direitos da Natureza.

Traz a questão socioambiental e ecológica para a centralidade da luta política, compreendendo que ela é transversal e capaz de dialogar e criar sinergia entre as diferentes pautas.

O FPN cria espaços de articulação entre movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos, comunidade científica, movimentos feministas, de juventude, LGBTQIA+, comunidades tradicionais, povos indígenas, coletivos livres e militantes (pessoas em geral) que compartilham outras cosmologias, saberes e relações entre os humanos e a natureza.

Tais trocas de experiências, resistências e perspectivas auxiliam na construção e fortalecimento de alternativas sistêmicas ao processo de destruição planetária em curso.

### **Estrutura**

Atualmente, o FPN se estrutura da seguinte forma:

(i) Coordenação Provisória, (ii) GT de Comunicação, (iii) Escola Popular da Natureza, (iv) Viveiro (que atua na criação e fortalecimento dos Núcleos), (v) além dos Núcleos de caráter estadual, regional e municipal, que se encontram em diferentes estágios de consolidação.

Destacam-se os núcleos do estado da Bahia, do Rio de Janeiro e de Sergipe, os núcleos das bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí (PCJ), do Alto Tietê e da cidade de São Paulo (em fase de criação) no estado de São Paulo.

### **Ações**

Em 2021, o FPN realizou o projeto “Fórum Popular Natureza: formação política e organização popular rumo à transição ecossocialista” em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo, e que contou com o apoio operacional da COOPERPAC – Cooperativa de Trabalho e Coleta do Parque Cocaia e do Fundo Brasileiro de Educação Ambiental – FunBEA. Participou, também, da Assembleia Mundial pela Amazônia, do Fórum Social Mundial, do Fórum Social Pan-Amazônico, da Mostra Ecofalante, entre outras atividades.

No mesmo ano, formalizou-se através do Instituto Fórum Popular da Natureza, passando a contar com registro próprio no CNPJ, com registro alcançado em 2022, com a finalidade de ter mais autonomia no desenvolvimento de projetos, estabelecimento de parcerias, captação de recursos, participação de editais, recebimento de doações e recursos públicos. Com isso, dará ainda mais concretude às suas ações e poderá prestar contas diretamente a todos/as/es que colaboram de alguma forma com essa construção.

Ainda em 2022, o FPN acompanhou a luta indígena no Acampamento Terra Livre, participou de eventos e articulações de cunho socioambiental, organizou debates sobre transição

ecossocial, articulou atos da Semana Mundial do Meio Ambiente, a Audiência Pública “Ideias para adiar o fim do mundo”, participou da Construção da “Carta-Compromisso Socioambiental para as Eleições de 2022 (com a assinatura de mais de 150 candidatas/os) além das ações realizadas pelos núcleos. O Núcleo PCJ, por exemplo, além de ser um dos atores mobilizadores do debate, participou da Audiência Pública contra a construção de uma barragem em uma Área de Proteção Ambiental - APA e da Audiência Pública da CPI Antifascista, ambas em Campinas, SP. Destaca-se, ainda, a realização pelo FPN, na instância do Núcleo PCJ, do encontro Junino da Natureza, que contou com uma roda de conversa e um cine debate a partir de um documentário realizado pelo FPN e protagonizado por Ailton Krenak. Na ocasião do evento, construído coletivamente por movimentos populares, organizações da sociedade civil de cunho ambiental e comunidades indígenas junto ao FPN, foi realizada uma feira agroecológica, de artesanato e de culinária indígena.

### **Princípios do FPN**



#### **O FÓRUM POPULAR DA NATUREZA tem por princípios:**

- I. O bem viver e a solidariedade de classe;
- II. A defesa das populações, povos e agentes que lutam pela conservação do meio ambiente e da natureza;
- III. A defesa e conservação da natureza;
- IV. A liberdade de organização, expressão e criação;
- V. O respeito às singularidades e à pluralidade;
- VI. O respeito às diferenças na organização e articulação das lutas;
- VII. O anticapitalismo, antifascismo, anticolonialismo, antirracismo, antipatriarcado, antilgbtphobia, antiespecismo, antiimperialismo, antiproibicionismo e contra todas as formas de opressão discriminação e autoritarismo;
- VIII. O abandono do antropocentrismo em favor do biocentrismo;
- IX. A valorização de conhecimentos científicos, tecnológicos e saberes populares a favor do bem viver;

X. A equidade social, de gênero, de orientação sexual, étnico-racial e a justiça socioambiental;

XI. Organização popular com democracia e horizontalidade e representatividade das pluralidades presentes no FPN;

XII. O Suprapartidarismo e a não finalidade lucrativa;



O FÓRUM POPULAR DA NATUREZA tem por objetivos:

I. Apoiar e articular lutas e ações socioambientais locais, regionais e setoriais de modo a fortalecer e unificar a luta comum contra a destruição planetária e em defesa de todas as formas de vida;

II. Colocar as questões socioambientais no centro dos debates políticos e econômicos de maneira crítica e popular;

III. Ajudar na integração e na articulação entre movimentos sociais, associações, coletivos, entidades, cientistas, pesquisadores, povos indígenas e tradicionais, academia e demais agentes socioambientais visando à construção de uma sociedade socialmente justa, ecologicamente equilibrada, economicamente viável e com respeito às diversidades culturais;

IV. Debater, influenciar e propor políticas públicas baseadas em conhecimentos científicos e saberes populares e que valorizem a equidade social, de gênero e raça e a justiça ambiental;

V. Combater as emissões de Gases de Efeito Estufa, a destruição da biodiversidade, a poluição e as desigualdades socioeconômicas;

VI. Apoiar a construção de alternativas econômicas, sociais e culturais ao capitalismo, por meio de uma Transição Ecológica Justa para os/as trabalhadores/as e populações vulnerabilizadas;

VII. Valorizar os direitos não somente humanos, mas da natureza como um todo;

VIII. Defender o direito de todos aqueles que sejam considerados por este Fórum como vítimas de ações do modelo de sociedade vigente, seja pelo modelo econômico, social ou ambiental;

IX. Defender os direitos dos povos originários e comunidades tradicionais enquanto guardiões da natureza e da biodiversidade conservada, reconhecendo seus conhecimentos, suas práticas e suas capacidades de autogestão para manter vivas florestas, cerrados, campos, caatingas, bem como os espaços costeiros e marinhos;

X. Promover atividades de formação, informação, troca de saberes, intercâmbio e diálogo entre os diferentes agentes socioambientais, bem como realizar a síntese destas atividades de modo a propiciar a continuidade da construção coletiva de conhecimentos;

XI. Produzir e disseminar conhecimentos científicos, tecnológicos e saberes populares a favor do bem viver, a partir de práticas coletivas, favorecendo a emergência de novas intelectualidades e novos paradigmas que integrem as diversidades sociais, étnicas, culturais, cosmológicas e biológicas;

XII. Coordenar ações por meio de decisões horizontais, democráticas e participativas.

### **O FPN se estrutura em núcleos**



### **PROCEDIMENTOS PARA A CRIAÇÃO DE NÚCLEOS DO FÓRUM POPULAR DA NATUREZA - consolidados no 2o encontro do FPN - 2023**

No encontro da Coordenação Provisória do FPN, ocorrido em janeiro de 2023, foram deliberados os seguintes procedimentos para a criação de Núcleos do FPN, procedimentos listados para garantir a organicidade, a integração e a articulação de acordo com os princípios e objetivos do FPN:

- A criação do Núcleo deve ser orientada por membro/a da coordenação ou do viveiro do FPN;
- A criação do Núcleo deve ser formalizada por meio de uma assembleia/encontro com as pessoas/grupos/organizações interessadas e, se possível, com a presença de membro/a da coordenação do FPN;
- A divulgação do encontro de criação do núcleo deve ser realizada em conjunto com o GT de comunicação do FPN;
- As pessoas/grupos/organizações interessadas na criação do núcleo do FPN devem concordar com a “Carta de Princípios e Objetivos do FPN”, bem como devem concordar com o “Código de Conduta do FPN”;

- Os grupos/organizações que fazem parte do FPN em outros núcleos devem ser convidados para a assembleia/encontro de criação do novo núcleo;
- A assembleia/encontro de criação do núcleo deve eleger representantes do núcleo para compor a coordenação de FPN;

### **Participação da universidade:**

Qual a importância da universidade para uma missão como esta? E o que uma missão como esta pode trazer para a universidade?

A participação em um evento como este nos faz refletir profundamente sobre o projeto de universidade que queremos construir e defender para atender as demandas de uma sociedade complexa, desigual, hierarquizada e violenta; atender as demandas desses povos e não apenas do mercado, de determinadas classes sociais e de um projeto social desenvolvimentista que leva ao exaurimento dos recursos do planeta e ao massacre de comunidades inteiras. A pergunta que fica para mim é: que respostas a universidade pode produzir em suas respectivas áreas para proteger nosso Capital Humano e nossa Casa Comum?...

Durante este encontro podemos perceber que esses povos têm plena ciência de que o modelo atual apresentado pela academia não é para eles. Porque, segundo eles, é um projeto de mão única; os saberes e as práticas de cuidar do ambiente e das pessoas, o modo de (bem) viver, que essas comunidades cultivam e preservam há muitas gerações não são levados em conta pela academia a não ser como algo folclórico e exótico a ser “pesquisado”. As comunidades denunciam a apropriação de seus saberes sem um retorno que os beneficie, integre e proteja.

Durante o encontro, jovens indígenas e quilombolas relataram a adversidade com que a universidade recebe os conhecimentos que eles aportam de suas comunidades de origem; e denunciaram a violência simbólica e física que sofrem ao dever assimilar e “se aculturar” para integrar os conhecimentos da academia.

### **O que ficou desses 5 dias?...**

A consciência de que a pauta socioambiental é de todos; precisa ser urgentemente tratada de forma transversal a qualquer área do conhecimento.

Entre muitas intenções, desejo e propósitos, prevalece o de que precisamos dirimir o abismo entre trabalho intelectual e o trabalho manual; entre a teoria e a prática, entre o futuro e o presente; e fazer nossa lição de casa, que inclui, por exemplo, realizar nosso “letramento jurídico” na área socioambiental, conhecer os [PROTÓCOLOS DE CONSULTA PRÉVIA E O DIREITO À LIVRE DETERMINAÇÃO](#) e avançar! Conhecer as várias nações e povos que compõem o Brasil! “O Brasil não conhece o Brasil, o Brasil tá matando o Brasil...”, dizia o Tom Jobim...

Fico pensando na nossa cumplicidade nos massacres e tragédias sócioambientais por “comissão ou omissão”, que se dá pela indiferença, pelo conformismo e pela ignorância e desconhecimento sobre os povos que compartilham esse território chamado Brasil...

### **E quanto ao “método de ação”?**

A organização das lutas se faz em torno de uma pauta específica, uma agenda concreta e local, em um determinado território. E é a práxis que constitui a organização política.

Pensar globalmente e agir localmente; a práxis se transforma em luta política que retroalimenta a ação. Luta por moradia popular, defesa dos territórios quilombolas, resistência à pressão do mercado imobiliário...

A força para resistir e empreender uma luta para “adiar o fim do mundo” está justamente em nos juntarmos aos escravizados e vulnerabilizados, que são em maior número e já estão fazendo o enfrentamento no cotidiano. Nosso principal papel agora talvez seja o de elo, fazer a ponte no tempo e no espaço, entre o campo e a cidade, entre o conhecimento científico e os saberes ancestrais e buscar construir e defender um projeto de universidade popular que seja coerente com as demandas da maioria da população brasileira, que em geral não frequenta a universidade mas financia o ensino e a formação dos mais ricos...

[Cuidar do Ribeirão das Pedras](#) convido à leitura desta matéria nas nossas redes.

“O rio sou eu e é você”

Olhe esse riacho, amigo,  
que a gente passa perto e nem vê.  
Ele tá firme e forte  
cheio de vida e sorte.

O rio sou eu e é você!

A gente tem um sonho antigo,  
e queremos convidar você.  
Pra ser água ser cascalho,  
ser peixe e ser um galho,

O rio sou eu e é você!

Pra nadar nesse riacho comigo,  
é preciso mais do que querer.  
Nosso luta é nosso canto  
e o nosso querer é tanto,

o rio sou eu e é você!

Então venha nessa correnteza;

E traga sua fantasia;  
Pé na terra, pular raiz, somos natureza;  
Com canto e alegria!

Por que hoje é carnaval;  
Pra balançar o chão da praça;  
Tomar banho chuva, tomar banho de rio que o calor passa;  
Entre com a gente aqui nesse portal!!!